

A pastoral urbana no pontificado de Francisco: Sair ao encontro do Deus que habita na cidade e no pobre

Robert Landgraf¹

Resumo: O presente trabalho objetiva realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a pastoral urbana no pontificado de Francisco. O Concílio Vaticano, na *Constituição Pastoral Gaudium Et Spes*, afirma que há uma preferência pela vida urbana, seja pelo crescimento das cidades e do número de seus habitantes, ou pela difusão do gênero de vida urbana entre os camponeses. Atento a essa realidade, o *Documento de Aparecida* afirma que a cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que vão sendo gestadas e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia, e que, nelas, acontecem complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas que impactam todas as dimensões da vida. A fé ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias e tristezas. O Papa Francisco, em seu pontificado, tem demonstrado atenção especial à evangelização na cidade e da cidade. Tanto na *Exortação Evangelii Gaudium* quanto em seu discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, lança luzes sobre o caminho a ser percorrido para que a Igreja tenha mais dinamicidade no anúncio do Evangelho nessa realidade desafiadora.

Palavras-chave: Pastoral urbana. Desafio. Papa Francisco.

INTRODUÇÃO

O cristianismo cresceu no meio urbano. Passou por transformações na Idade Média, com o surgimento da instituição da paróquia rural, firmando-se, assim, no meio campesino. Na Modernidade, com os fenômenos de modernização, industrialização e urbanização, as cidades transformaram-se em centros cuja prática religiosa perdeu sua importância. Destarte, refletir sobre a cidade expõe dois tipos diferentes de problemas, uns que afetam mais diretamente o modo de ação pastoral da Igreja e outros, vão mais fundo, pois atingem a própria percepção da fé, questionando-a nela mesma, obrigando-a a se reinterpretar e assumir uma posição profética diante da sociedade através da pastoral urbana.

O Concílio Vaticano II, ao refletir sobre a cultura urbana, ensina que é preciso reconhecer-lhe uma autonomia que está baseada em princípios próprios, mas que deve ser rejeitada aquela infeliz doutrina que deseja construir uma sociedade prescindindo totalmente da religião, que ataca e destrói a liberdade religiosa dos cidadãos (LG 36).

O *Documento de Aparecida* lembra que a cidade converteu-se no lugar próprio de novas culturas, onde acontecem complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas que impactam todas as dimensões da vida, e é habitada por uma grande multidão de pobres. O documento recorda que Deus vive na cidade e propõe uma pastoral urbana em estado permanente de missão, a serviço da construção do Reino de Deus.

1 Mestre em Ciências da Religião pela Puc-Campinas. E-mail: betolandgraf@yahoo.com.br

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* e em seu discurso na *Sala do Consistório*, ao receber 25 arcebispos e bispos das metrópoles dos cinco continentes, no dia 27 de novembro de 2014 para o Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, demonstrou atenção e sensibilidade para a evangelização da cidade para que ela possa ser o que ele chama de Hospital de Campanha, que cura as vítimas de uma cultura da morte presente no mundo urbano.

1 O MUNDO DAS CIDADES (URBANO) E ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS

“Urbano” é uma palavra de origem latina, e quer dizer “pertencente à cidade”. Assim, a cidade trata-se de um núcleo com considerável densidade populacional, onde estão reunidos estabelecimentos próximos entre si, destinados à moradia, às atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e administrativas, onde se oferecem opções de lazer e entretenimento. É uma realidade onde convivem diferentes sujeitos sociais, que buscam sobreviver, trabalhar e usufruem de seus equipamentos ou deles são excluídos. Assim, a cidade não se resume apenas a um espaço geográfico, nela ocorrem relações e fenômenos sociais e econômicos (RODRIGUES, 2021, p. 16).

Pensar sobre a cidade exige procurar minimamente compreender as tendências da cultura moderna que a afetam com muita força.

As cidades são marcadas pela lógica da pluralidade. Em um mesmo espaço urbano convivem pessoas e grupos muito diferentes: classes sociais diversas, grupos socioculturais, migrantes de diversas partes do mundo, pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais e diferentes grupos de orientações sexuais, uma diversidade de identidades religiosas ou políticas, de diferentes gerações (RODRIGUES, 2021, p.16).

As cidades e seus cidadãos são regulados pelo sistema neoliberal, cuja característica é a centralidade do mercado e a restrição do Estado, o que gera maior concentração de capital nas mãos de poucos e um grande número de empobrecidos e excluídos. Outro dado importante é a rápida modernização das empresas, indústrias e dos serviços, o que levou ao crescimento alarmante do número de pessoas desempregadas; além disso, essas novas tecnologias submetem a Terra à devastação e à exploração. Houve também um desenvolvimento tecnológico, sobretudo nos inícios da industrialização, que não trouxe nenhuma libertação para o ser humano, mas novas formas de escravidão (LIBANIO, 2001, p. 56).

O regime político é o democrático. A verdade é construída no confronto ideológico, no diálogo em busca do consenso. Entretanto, esse regime é ambivalente, pois, de um lado, arranca as pessoas do clientelismo e do coronelismo personalista do interior, submetendo-as a outro jogo de interesses políticos, ligados a cada caso nas eleições. A dimensão de fidelidade, própria dos currais eleitorais, desaparece para dar vez às barganhas em busca de interesses de grupos minoritários que se fazem passar por universais, ou seja, permanece a velha

politicagem de receber benefícios em troca do voto e nas falsas promessas de melhoria de vida dos empobrecidos (LIBANIO, 2001, p.80-81).

As manifestações de violências multiplicam-se no mundo urbano. É assustadora a multiplicidade de formas que a violência assume na atualidade e sua incidência chega a configurar o que se pode chamar de “cultura da violência”. As pessoas vivem o medo devido ao grande número de furtos, roubos, homicídios, tráfico de drogas, milícias extremamente organizadas e também a violência policial, sem falar da violência contra as minorias: pretos, indígenas, jovens, mulheres, imigrantes e homoafetivos. É uma realidade presente na maioria das cidades, sejam elas grandes ou pequenas (RODRIGUES, 2021, 28-29).

Na cultura moderna, prevalece o individualismo, constata-se um valor centrado na própria pessoa e na sua felicidade, bem como sua autonomia diante da tradição, da autoridade e enquanto percepção de que todo conhecimento e toda decisão passam por ela. Surgem rapidamente novos movimentos sociais e religiosos que primam pela liberação da subjetividade, do eu, do indivíduo, não da sociedade, que trazem como marca a exclusão e a falta de solidariedade com os mais pobres e marginalizados, pessoas e povos, levando à desorientação das populações, sem vínculos e compromissos com o próximo, perdendo valores absolutos. A última instância absoluta é a própria pessoa, é o reino do narcisismo que abandona qualquer instância de alteridade (LIBANIO, 2001, p.74).

A cidade vive sob o reinado da ideologia do prazer. É a vivência do faz-se o que se gosta e evita-se o que não se gosta. É a busca da felicidade, baseada na satisfação de todas as necessidades e desejos a qualquer custo, rejeitando toda renúncia, toda disciplina e todo limite ao gozo. O mundo urbano possui ferramentas para despertar nas pessoas os desejos por prazer, desde os mais nobres e sadios até os mais perversos (LIBANIO, 200, p.74).

A cidade é marcada pelo consumismo. É uma sociedade na qual as pessoas se cercam mais de coisas do que de gente. Para manter o “desenvolvimento”, incentiva-se o consumo de várias maneiras, principalmente a fetichização das mercadorias e o crescimento dos meios publicitários, cujo objetivo é fazer um simples desejo ser encarado como uma necessidade (LIBANIO, 2001, p. 102).

O espaço urbano é marcado pela crise ecológica. O direito à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado é constantemente violado nas cidades, com a emissão de gases tóxicos na atmosfera, gerando a poluição do ar causadora de várias doenças pulmonares, a poluição dos mananciais pela falta de saneamento básico e de tratamento de resíduos sólidos. O desmatamento das áreas verdes para dar lugar a grandes empreendimentos imobiliários favorece o fim dos rios e prejudica o fornecimento de água (RODRIGUES, 2021, p. 29-30).

Na cidade, há uma nova configuração da espacialidade. O espaço urbano moderno é caracterizado pela perda dos centros, ou podemos falar de um pluricentrismo. A urbanidade fragmenta o espaço, ocorre um deslocamento de importância geofísica para o interesse,

para a diversidade cultural e para a qualidade extremamente móvel, flexível e plural de cada parcela espacial. Ocorre uma desmaterialização do espaço e assume-se a qualidade virtual do “interesse” e, com a informática, ocorre o policentrismo dos meios eletrônicos, destruindo os espaços e o imaginário tradicionais: igreja, praça, família. Estabelece-se uma nova lógica regida por status, posse econômica, aparência, vitrine, mercado (LIBANIO, 2001, p.31).

A cidade abandona o tempo do calendário rural e assume a celeridade do mundo urbano. A crescente industrialização e a forte urbanização foram exigindo cada vez mais turnos de trabalho ininterruptos ou por turnos, de maneira que não se pode mais seguir o ritmo religioso do calendário. Posto isso, na necessidade de aumentar a lucratividade as pessoas começam a trabalhar nas horas que, antes, eram de lazer e descanso e, assim, a noite, os domingos e os dias santos são invadidos pelo trabalho. Perde-se lentamente o sentido do ritmo do trabalho. A cidade e o impacto da mídia na vida das pessoas vêm acelerando a sensação interior de falta de tempo. Evidentemente que a mudança não está no tempo dos astros, o dia continua tendo 24 horas. O que acontece é que a modernidade trouxe enorme aceleração da percepção de mudanças e esse fenômeno de mudança acelerada gera aceleração do tempo (LIBANIO, 2001, p.90-94).

Na cidade, vive-se a cultura da imagem do espetáculo. Nessa cultura, a palavra perde sua força para os cenários repletos de imagens. A razão cede lugar à emoção, aos sentimentos. Não há tempo para a reflexão e meditação aprofundada, pois as notícias chegam de maneira muito rápida, assim como as sucessões de cenas. Vive-se a cultura do espetáculo (LIBANIO, 2001, p.119).

Após a apresentação dessas características do mundo urbano, reafirmamos que elas devem ser levadas em consideração pela pastoral urbana para que seja efetiva e portadora de transformação, conforme veremos na instrução dos documentos da Igreja.

2 A EVANGELIZAÇÃO DA CIDADE NO CONCÍLIO VATICANO II E EM APARECIDA

O Concílio Vaticano II advertiu o crescente processo de urbanização. Ao discernir os sinais dos tempos, a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* afirma que a humanidade vive profundas e rápidas transformações provocadas pela modernidade. Entre as transformações, indica o surgimento do mundo urbano-industrial, que denomina civilização urbana (GS, 6), localizando-o no contexto de uma “nova época da história humana” (GS, 54), o que leva ao aparecimento de uma “forma mais universal de cultura humana” (GS, 54). Ensina, ainda:

Difunde-se progressivamente a sociedade de tipo industrial, levando algumas nações à opulência econômica e transformando radicalmente as concepções e as condições de vida social vigente desde há muitos séculos. Aumenta também a preferência e a busca da vida urbana, quer pelo aumento das cidades e do número de seus habitantes, quer pela difusão do gênero da vida urbana entre os camponeses. (GS, 6)

Esse tema reaparece no capítulo sobre a cultura. A perspectiva antropológica é central na teologia das culturas do Concílio (GS, 53-58) e na proposta de evangelizar as culturas de Paulo VI (EN, 18-20). O enfoque teológico inclui uma antropologia cultural, que indica o fenômeno social e histórico das culturas, e uma cultura antropológica, que pensa o cultivo integral do ser humano para alcançar “uma autêntica e plena realização” (GS, 53). É com o Vaticano II, no século XX, e em diálogo com a modernidade, quando a civilização universal e as culturas particulares se cruzam, que a Igreja alcança uma ampla perspectiva mundial. Por isso, o Concílio abordou, pela primeira vez, a catolicidade e a missão em diálogo com as culturas (GALLI, 2014, p.71).

No novo horizonte universal vislumbrado pelo Concílio Vaticano II, em seu olhar sobre a situação cultural, considera-se o advento da sociedade urbano-industrial caracterizado pela pluralidade de culturas:

As condições de vida do homem moderno sofreram tão profunda transformação no campo social e cultural, que é lícito falar de uma nova era da história humana. Novos caminhos se abrem assim ao progresso e difusão da cultura, preparados pelo imenso avanço das ciências naturais, humanas e sociais, pelo desenvolvimento das técnicas de progresso no aperfeiçoamento e coordenação dos meios de comunicação. Daqui provêm algumas notas características da cultura atual: as chamadas ciências exatas desenvolvem grandemente o sentido crítico; as recentes investigações psicológicas explicam mais profundamente a atividade humana; as disciplinas históricas contribuem muito para considerar as coisas sob o seu aspecto mutável e evolutivo; as maneiras de viver e os costumes tornam-se cada vez mais uniformes; a industrialização, a urbanização e outras causas que favorecem a vida comunitária criam novas maneira de sentir e de agir e de utilizar o tempo livre; o aumento de intercâmbio entre vários povos e grupos sociais revela mais amplamente a todos e a cada um os tesouros das várias formas de cultura, preparando-se deste modo, progressivamente, um tipo mais universal de cultura humana, a qual tanto mais favorecerá e expressará a unidade do gênero humano, quando melhor souber respeitar as peculiaridades das diversas culturas (GS, 54).

O discernimento do novo fenômeno urbano foi feito, em 1971, pelo Papa Paulo VI, na *Carta Apostólica Octogesima Adveniens*, dirigida ao Cardeal Maurice Roy. Com uma linguagem similar à do Concílio, situa as grandes cidades no âmbito de uma civilização nova e adverte os transtornos que se produzem nos modos de vida citadinos e nas estruturas de convivência, denuncia a aparição de novas formas de solidão e pobreza nas cidades (OA, 10), convoca todos os homens, especialmente os cristãos, para uma responsabilidade solidária

diante dos desafios urbanos (OA, 12), propõe a construção de novas relações baseadas na fraternidade e na justiça (Galli, 2014, p. 73). Paulo VI afirma:

Construir a cidade, lugar de existência dos homens, e das suas comunidades ampliadas, criar novos modos de vizinhança e de relações, descortinar uma aplicação original da justiça social, assumir, enfim, o encargo deste futuro coletivo que se preanuncia difícil é uma tarefa em que os cristãos devem participar. A esses homens amontoados numa promiscuidade urbana que se torna intolerável, é necessário levar uma mensagem de esperança, mediante uma fraternidade vivida e uma justiça concreta que os cristãos, conscientes desta responsabilidade nova não se deixem descoroçar, diante da imensidade amorfa da cidade, mas, ao contrário, recordem-se do profeta Jonas, o qual longamente percorreu Nínive, a grande cidade, para nela anunciar a Boa Nova da misericórdia divina, amparado, na sua fraqueza, unicamente pela força da palavra de Deus todo-poderoso. Na Bíblia, a cidade é frequentemente apresentada, como sendo de fato o lugar do pecado e do orgulho; orgulho de um homem que se sente bastante seguro de si, para construir sem Deus a sua vida, e, mesmo, para se armar, com altivez contra Ele. Mas, aí vem também Jerusalém, a cidade santa, o lugar de encontro com Deus e a prefiguração da cidade que vem do alto (OA, 12).

O *Documento de Aparecida*, resultado da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, propõe uma conversão pastoral na qual “as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários” (DAP, 368) para que, assim, a Igreja entre em um “estado permanente de missão” (DAP, 551). A missão é um tema que perpassa todo o documento e, por isso, é uma chave de leitura para compreender o projeto proposto. Essa missão consiste em que o discípulo que ama o Senhor, sente a necessidade de compartilhar com os outros a alegria de ser enviado e de anunciar a Boa Nova do Evangelho, e se dedica em construir o Reino de Deus (DAP, 278). É um projeto de evangelização para compartilhar o Reino da Vida nova, plena, digna e feliz em Cristo. O documento afirma:

O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai. Por isso, pede a seus discípulos: “Proclamem que está chegando o Reino de Deus!” (Mt 10,7). Trata-se do Reino da vida. Porque a proposta de Jesus Cristo a nossos povos, o conteúdo fundamental dessa missão, é a oferta de vida plena para todos”. (DAP, 361)

Esse movimento missionário, impulsionado por Aparecida, estimula também a pastoral urbana. O documento destaca a complexidade da cultura urbana, informa que as cidades tornaram-se “laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural (DAP, 509). “O mundo urbano se converteu em lugar próprio das novas culturas que se vão gestando e se

impondo, com nova linguagem e nova simbologia”, uma mentalidade que não se restringe apenas ao mundo citadino, mas interfere também no mundo rural (DAP, 510). No mundo urbano ocorrem complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas que causam impacto em todas as dimensões da vida (DAP, 511). O documento afirma:

A cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, pois amalgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades. A cultura suburbana é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. Nessas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos. (DAP, 58)

Os bispos entendem que, na cidade, “convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites econômicas, sociais e políticas, a classe média com seus diferentes níveis, e a grande multidão dos pobres”, bem como coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição-modernidade; globalidade-particularidade; inclusão-exclusão; personalização-despersonalização; linguagem secular-linguagem religiosa; homogeneidade-pluralidade, cultura urbana-pluriculturalismo (DAP, 512). Afirma, ainda, que a Igreja, em seu início, formou-se nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar, mas que, hoje, há a percepção do sentimento de medo em relação à pastoral urbana, o que leva a se refugiar em métodos antigos e a assumir uma atitude de defesa diante da nova cultura (DAP, 513). Diante da realidade desafiadora do mundo urbano, as reações variam, desde sentimentos de temor, pessimismo e impotência até atitudes contrárias, como ousadia, otimismo, coragem. Por isso, diante dessa realidade, é necessário colocar em prática um profundo e laborioso discernimento.

O primeiro discernimento a ter mente, como ensina o *Documento de Aparecida*, é que “Deus vive na cidade em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em suas dores e sofrimentos” (DAP, 514). A presença de Deus na cidade não é um mero habitar físico, como a do ser humano limitado a um espaço determinado. Tampouco se reduz à presença de uma imagem simbólica em espaço público. O texto conscientiza que Deus habita explicitamente nas experiências religiosas cristãs e, de muitas formas, nas distintas situações humanas e históricas. O habitat de Deus se dá em sua identificação com os homens e também com suas experiências mais contraditórias, como os mistérios do amor e da morte, a alegria e a dor, a união e a exclusão. O texto reconhece a presença de Deus nas “sombras que marcam o cotidiano das cidades, como, por exemplo, a violência, a pobreza, o individualismo e a exclusão (DAP, 514) (GALLI, 2014, p. 138).

Pela fé cremos que Deus é um Deus com rosto humano e urbano, que, através de Jesus Cristo, montou sua tenda entre nós, para viver em nossos corações e cidades. Cabe, assim, recordar o que nos ensina o Concílio Vaticano II: “pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem” (GS, 22), assim, pode-se dizer que há uma união,

mesmo que não hipostática, nos outros seres humanos distintos de Jesus, afirmando uma analogia de presenças. Cristo está presente, de algum modo, em todos e em cada um dos seres humanos. Posto isso, pode-se dizer que, como ensina o *Documento de Aparecida*, que o Deus revelado em seu Filho Jesus Cristo está presente nos homens da cidade, de forma real e análoga. Deus vive na cidade (GALLI, 2014, p. 141).

Deus está acampado no meio do povo que vive na cidade e manifesta seu Reinado no conjunto das realidades humanas. De modo especial, na religiosidade, na piedade popular, na caridade, que comunica seu amor e constrói seu Reino neste mundo (GS, 38-39).

Aparecida afirma, ainda, que a ação evangelizadora da Igreja está a serviço da realização da Cidade Santa e, para isso, ela deve implementar iniciativas para que propiciem a transformação em Cristo, como fermento do Reino na cidade atual (DAp, 516). Assim, a ação Evangelizadora da pastoral urbana baseada na missão permanente tem como projeto e objetivo o crescimento do Reino de Deus na cidade:

O projeto de Deus é a “Cidade Santa, a nova Jerusalém, que desce do céu, de junto a Deus”, “vestida como noiva que se adorna para seu esposo”, que é “a tenda que Deus instalou entre os homens. Acampará com eles, eles serão seu povo e o próprio Deus está com eles. Enxugará as lágrimas de seus olhos e não haverá morte, nem luto, nem pranto, nem dor, porque tudo o que é antigo terá desaparecido” (Ap 21.2-4). Esse projeto em sua plenitude é futuro, mas já está se realizando em Jesus Cristo, “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21.6), que nos diz: Eu faço novas todas as coisas” (Ap 21.5) (DAp, 515).

3 PASTORAL URBANA NO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho – EG) e na *Sala do Consistório*, ao receber 25 arcebispos e bispos das metrópoles dos cinco continentes, no dia 27 de novembro de 2014, o papa Francisco demonstrou atenção especial pela “evangelização na cidade”. Tanto na exortação quanto no discurso para os arcebispos e bispos, Francisco lançou luzes sobre o caminho a ser trilhado para que a Igreja seja mais incisiva no anúncio do evangelho, especialmente nas cidades (ORIOLO, 2019, p.11).

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco ensina que a nova Jerusalém, a cidade santa (Ap 21.2-4), é a meta para onde caminha toda a humanidade e que a Revelação nos mostra que a plenitude da humanidade e da história se realiza em uma cidade; posto isto, é preciso identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, ou seja, um olhar de fé que descubra o Deus que habita nas moradias, nas suas ruas, nas suas praças, é uma presença que não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada (EG, 71). Esse olhar contemplativo proposto pelo Papa é um olhar sociológico, capaz de identificar seus problemas e contradições, mas também um olhar de fé carregado de esperança e de percepção da presença de Deus nas pessoas que buscam

sinceramente um sentido para sua vida, que promovem a solidariedade, a fraternidade, o bem comum e a verdade, que lutam pela justiça.

O documento afirma ainda que, na cidade, o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que diferem do estilo da realidade rural (EG, 72). Os habitantes das cidades, muitas vezes, lutam para sobreviver e, às vezes, escondem o sentido religioso. Muitas pessoas que residem nos centros urbanos migraram do mundo rural onde o modo de viver era referenciado pela Igreja, trabalho e família e uma vida voltada para o religioso. Ao chegarem às cidades, porém, não encontram espaço para viver a fé. Atenta a isso, a pastoral urbana é desafiada a proporcionar uma espiritualidade que preencha o vazio urbano, que permita a vivência de experiências de fé, esperança e caridade na sua vida e na vida da comunidade (ORIOLO, 2019, p.15).

Francisco entende que as novas culturas são gestadas nestas “enormes geografias humanas” que já não costumam ser promovidas pelo cristão, mas são interpeladas por elas com linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas, e que oferecem novas orientações de vida que, muitas vezes, são contrárias à construção do Reino de Deus (EG, 73). Entretanto, esta nova realidade é um lugar privilegiado de uma nova evangelização que ilumine e promova novos modos de se relacionar com Deus, com o próximo e com a casa comum (EG, 74).

No discurso na *Sala do Consistório*, no primeiro Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, ocorrido em 27 de novembro de 2014, Francisco destacou quatro desafios para a pastoral urbana. O primeiro desafio é a mudança de mentalidade pastoral, ou seja de uma pastoral de manutenção com ideia de que ainda se vive na cristandade para uma pastoral audaz, sem receio, porque os habitantes da cidade esperam da Igreja, precisam dela para sua vida, aguardam a Boa Notícia que é Jesus e o seu Evangelho. O segundo desafio é o diálogo com a multiculturalidade. As grandes cidades são multiculturais e, por isso, exigem da Igreja o diálogo com essa realidade para alcançar o coração do próximo, dos outros que são diferentes de nós, e ali semear o Evangelho. O terceiro desafio é a valorização da piedade popular, “pois possui um autêntico substrato religioso que geralmente é cristão e católico”. O quarto desafio é ouvir Deus, que fala através dos pobres urbanos, vítimas de pobreza econômica, sociais, morais e espirituais (FRANCISCO, 2014)

No mesmo congresso, Francisco apresentou algumas propostas para a pastoral urbana. À primeira proposta ele chama “sair e facilitar”, que se trata de uma transformação eclesial assumindo a missão de ser uma Igreja em saída, facilitando o encontro com o Senhor, tornando acessíveis os Sacramentos, principalmente o batismo. A segunda proposta é ser uma Igreja Samaritana que se faça presente dando testemunho do Evangelho, principalmente nas periferias existenciais e pobres e, assim, colaborar na construção de uma cidade na justiça, na solidariedade e na paz. E o Papa propõe a pastoral social como dimensão caritativa da pastoral urbana, como demonstração de responsabilidade pelos mais pobres, pois são os privilegiados do Reino. Todas essas propostas devem levar sempre em consideração o “protagonismo dos leigos e dos próprios pobres” (FRANCISCO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho expôs que a cidade é uma realidade complexa, com características próprias que diferem da realidade rural e que, mais do que um espaço físico, é um horizonte cultural que altera as relações de seus habitantes e desses com Deus e a casa comum.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, afirma que há entre as diversas transformações da modernidade o acelerado processo de urbanização como promotor do surgimento de novas formas de cultura. Posto isso, Paulo VI conclama o povo cristão a levar uma mensagem de esperança, mediante a uma fraternidade vivida e uma justiça concreta, um profetismo nessa difícil realidade. O *Documento de Aparecida*, seguindo o Concílio, reafirma que a cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, portanto os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos. O documento convida os leigos e presbíteros a abandonarem as atitudes de medo em relação à pastoral urbana e excluir as atitudes de apego a métodos antigos, que já não respondem aos desafios atuais. Além disso, ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em suas dores e dificuldades.

O Papa Francisco, com sua sensibilidade e desejoso de colocar em prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II, tendo em mente o projeto do *Documento de Aparecida*, do qual foi redator, reconhece a complexidade do mundo urbano, mas chama todos os cristãos a lançar um olhar contemplativo e de misericórdia sobre a cidade. Com suas indicações para a pastoral urbana, Francisco deseja que a Igreja seja “sacramento” do Reinado de Deus no mundo, assumindo as tensões culturais a partir da ótica dos pobres.

REFERÊNCIAS

GALLI, Carlos Maria. *Dios vive en la ciudad*. Hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco. 2. ed. Buenos Aires: Agape, 2014.

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.

ORIOLO, Edson. Evangelizar as cidades à luz do magistério do Papa Francisco. *Revista Vida Pastoral*. Ano 60. n.330, p. 11-18, Nov-dez, 2019. Disponível em: www.vidapastoral.com.br/ano/evangelizar-as-cidades-a-luz-do-magisterio-do-papa-francisco/. Acesso em: 10 mar. 2021.

RODRIGUES, Solange. O mundo urbano. Um universo plural, diverso, complexo. In: BRIGHENTI, Agenor; AQUINO JUNIOR, Francisco (orgs.). *Pastoral urbana*. Novos caminhos para a Igreja na cidade. Petrópolis: Vozes, 2021.

Documentos da Igreja

DAP. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Documento de Aparecida*. Paulus: 2008.

EG. PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

EN. PAPA PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 15 maio 2021.

GS. DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. *Gaudium et Spes*. Trad. Tipografia poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. Coleção Documentos da Igreja.

OA. PAPA PAULO VI. *Carta Apostólica Octogesima Adveniens*. 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 15 mar.2021.

PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes no congresso internacional de pastoral das grandes cidades*. 2014. Disponível em : https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso em: 11 maio 2021.